

Ano III — N.º 89 — Cr\$ 2,00

Rio de Janeiro, Dezembro de 1951

Momento Feminino



Número especial de Natal



Nova Diretoria da F. M. B.

Com a presença de representantes de 14 organizações estaduais, em reunião bastante movimentada, foi realizada a eleição da nova diretoria, que regerá os destinos da F. M. B., durante os anos de 1952-53. A referida diretoria, que será empossada em data próxima, em ato público e festivo, ficou assim constituída:

Presidente: Jacinta Passos; Vice-Presidente: Branca Fialho; Secretária Geral: Arcelina Mochel Goto; 1a. Secretária: Helena Sangirardi; 2a. Secretária: Silvia Pessoa de Andrade; 1a. Tesoureira: Elza Leão de Moura; 2a. Tesoureira: Eunice Veiga.

EXCURSAO DE ELISA BRANCO — Para agradecer o movimento de solidariedade, pela sua libertação, do

Festa em Parada de Lucas

As mulheres de Parada de Lucas e Vigário Geral compareceram com suas famílias à festa promovida por «Momento Feminino», no dia 17 de novembro, naquele subúrbio do Distrito Federal.

Nosso jornal já havia feito uma reportagem, publicada em nosso número anterior, focalizando o problema do abastecimento d'agua e nessa festa, organizou-se um memorial ao Sr. Prefeito, solicitando providências no sentido de restabelecer aquele abastecimento.

qual participaram ativamente as mulheres do nordeste, esteve nos Estados de Pernambuco, Ceará e Paraíba, a sra. Elisa Branco. Recebida por grande numero de pessoas em Fortaleza, onde foi recepcionada com grande entusiasmo, teve oportunidade, também em Recife e Salvador, de visitar os bairros, onde esteve em contacto com mulheres de diversas organizações e o povo em geral.

RECEPCAO A ELISA BRANCO — A Associação Feminina do Distrito Federal ofereceu em sua sede um coquetel a Elisa Branco, por ocasião do qual foi aquela partidária da Paz saudada por representantes de várias organizações de bairro.

ROMARIA AO TUMULO DE ZELIA MAGALHAES

A Associação Feminina do Distrito Federal, num preito

Foi proposta, na ocasião, a reorganização da União Feminina local, que irá trabalhar inicialmente na coleta de assinaturas ao memorial acima mencionado.

A festinha teve grande animação, tendo contado com um divertido show, distribuição de doces e refrescos, aos quais se seguiram animadas dansas.

«Momento Feminino» deseja às amigas de Parada de Lucas exito em suas atividade e reafirma sua posição de defesa permanente dos interesses da mulher e da criança.

de homenagem e saudade, compareceu incorporada ao cemiterio do Caju, onde se acha sepultada a heroína brasileira Zélia Magalhães, no dia 16 de novembro passado, data em que faz mais um ano em que aquela patriota foi assassinada bárbara e friamente numa das praças do Distrito Federal, durante um comico promovido em defesa das liberdades democráticas.

ELEICAO NA ASSOCIACAO FEMININA DO DIS-

TRITO FEDERAL — A Associação Feminina do Distrito Federal que promoverá brevemente eleição para sua nova diretoria, para apresentação de candidatas está solicitando sugestões às associadas.

ANIVERSARIO

30 DE SETEMBRO — Ilma, filhinha de Maria das Dores e Raimundo Murrados dos Santos, nossos amigos do Catete (D. F.)

NOTAS SOCIAIS

ANIVERSARIOS

30 de setembro de 1951 — Festejou seu 4º aniversário, a linda garotinha Salete Maria Feitosa, filhinha de Benedita Bezeirra Feitosa e de José Alexandre Feitosa, residentes em Fortaleza, Estado do Ceará.

20 de outubro de 1951 — Aniversariou dona Alfrida Leite Tarquinho, amiga e leitora de MOMENTO FEMININO, moradora em Uberaba, Minas Gerais.

20 de outubro de 1951 — Completou 14 anos o inteligente menino Calisto Rosa Neto, primogênito de nossa representante em Uberaba, dona Lucília S. Rosa — Minas Gerais.

7 de novembro de 1951 — Aniversariou dona Silvia Lopes Cançado, dedicada representante de MOMENTO FEMININO, em Campo Florido, Minas Gerais.

10 de dezembro — José Carlos, netinho de d. Olinda Gomes, nossa amiga de Campos, completou um ano.

CASAMENTO

No dia 29 de dezembro, realiza-se o enlace matrimonial de nossa amiga, sra. **DORYLEIA DA SILVA REIS** com o sr. **FLORIANO FIGUEIREDO**. Parabens aos noivos e votos de felicidades.

NASCIMENTOS

Acha-se enriquecido o lar de nossos amigos dona Neumésia de Oliveira e seu marido, sr. Manuel Oliveira de Uberaba — Minas Gerais, com o nascimento de um lindo menino que receberá na pia batismal o nome de Valdo-Lucio, ocorrido no dia 16 de novembro.



Nossas amigas de Uberlandia realizaram uma animada festinha com a presença de grande numero de associadas da União Feminina e seus filhinhos. Vemos aqui um flagrante da festa.

Nesta véspera de Natal, uma terrível ameaça paira sobre os lares brasileiros: os jovens, que são a esperança de uma pátria, podem ser enviados, a qualquer momento, na calada da noite, para morrer na guerra da Coreia ou em qualquer outra longínqua frente de batalha, que os provocadores de guerra conseguirem provocar.

O governo do sr. Getúlio Vargas, contrariando os interesses nacionais, assinou, através de seu chefe de Estado Maior, general Góis Monteiro, em Washington, compromissos de tal ordem, que amarram nosso país às aventuras guerreiras do imperialismo norte-americano. Fala-se abertamente na necessidade de uma «ajuda militar» brasileira para a Coreia e no envio imediato de 25 mil homens do Brasil.

Ao lado disso, aumenta em todo país a repressão aos movimentos democráticos e já se prometem maiores violências: acaba de ser realizada a I Conferência Nacional de chefes de polícia, que não tem outra finalidade senão impedir, violentamente e em desrespeito à Constituição, qualquer manifestação contra a preparação guerreira do governo do sr. Getúlio Vargas, contra o custo de vida sempre crescente, a favor da paz entre os povos.

Maria Afonso Lins, Jean Sarkis (no Distrito Federal), a Dra. Maria Aragão (no Maranhão), as jovens irmãs Gimenez (em São Paulo), são algumas das vítimas da arbitrariedade policial, que caracteriza o atual governo. Já agora, acabam de ser também condenados, pela desmoralizada Lei de Segurança vários jornalistas, de prestígio em todo o Brasil, como Pedro Motta Lima, diretor da «Imprensa Popular» e Joaquim Câmara Ferreira, diretor do «Hoje».

“OS SOLDADOS NOSSOS FILHOS NÃO IRÃO PARA A CORÉIA”

Jovens partidários da paz, que protestam contra o envio de tropas para fora de nosso território, ou que simplesmente colhem assinaturas para o apelo por um Pacto de Paz, são presos violentamente e contra eles se forja um processo.

Mas, apesar de tudo isso, cresce em todo o país o movimento dos partidários da Paz. São intensos os preparativos para a Conferência Continental pela Paz, a realizar-se na segunda quinzena do mês de janeiro, no Rio de Janeiro. Mais de 3 milhões de brasileiros já assinaram o apelo do Conselho Mundial da Paz, enquanto prosseguem com enorme entusiasmo os comandos de casa em casa, esclarecendo todas as mulheres e todos os homens sobre a importância de uma assinatura a favor da Paz.

As mulheres brasileiras, as mais sacrificadas de todas as guerras, estão na frente dessa campanha — mais de meio milhão de assinaturas foi conseguido pelas mulheres e elas se preparam para participar da Conferência Continental com muitas delegadas e novas e ricas experiências da luta pela Paz.

Não será fácil aos governantes brasileiros enviar tropas para fora do país, pois as mães velam pela vida de seus filhos e não permitirão. Mas, isso pode acontecer, se elas não erguerem bem alto o seu protesto e a sua decisão de não permitir-lo.

E' preciso pois redobrar os esforços: multiplicar os comandos de coleta de assinaturas, para que um numero cada vez maior de mães brasileiras fique vigilante; intensificar as manifestações contra o envio de nossas tropas — em visitas às Câmaras, os jornais, às sedes de governos.

Assim, afastaremos de nossos lares aquela ameaça terrível e poderemos em Paz festejar o Natal.



Sr. Andrei Vichinsky
MOMENTO FEMININO

Paz para a Coreia



Cessem as monstruosidades: cidades destruídas; incêndios devorando casas, escolas, igrejas, campos, jardins; crianças enterradas vivas; mulheres crucificadas, espancadas, violadas; homens assassinados; hospitais bombardeados; crianças órfãs e mães chorando a morte dos pequeninos.

Cesse a guerra na Coreia: os olhos contemplem o céu sem o medo das bombas; as famílias sintam segurança nas casas que as abrigam; os homens voltem aos seus labores e os frutos amadureçam nas árvores e nos campos brotem as sementes; as mulheres voltem aos seus

lares, aos filhos, aos maridos, às ocupações diárias; as crianças voltem às escolas, aos cantos, ao ballet, ao teatro, ao aprendizado nas oficinas, à alegria, aos folguedos; a Paz volte à Coreia e transforme em casas e cidades as ruínas e as cinzas.

Também de nós, de nossa dedicação à causa da Paz, de nossa luta pela Paz, dos esclarecimentos que levamos a todas as mulheres, a todas as casas, sobre os horrores da guerra, organizando grupos de mulheres, de mães, de jovens em defesa da Paz, depende a cessação da guerra na Coreia.

Nova Proposta de Paz

Na reunião da O.N.U., de 16 de novembro último, realizada em Paris, o Ministro das Relações Exteriores da U.R.S.S., sr. Andrei Vishinsky, sob calorosos aplausos, propôs novas medidas para ampliação do plano de paz, apresentado anteriormente pela União Soviética, que se resumem nos seguintes:

1. Que as duas comissões de energia atômica se consolidem numa só e redijam, antes de 1 de fevereiro de 1952, uma convenção sobre o controle atômico.

2. Que a Assembleia recomende aos Estados Unidos, Inglaterra, França, China e União Soviética, que concluam um acordo para redução de seus armamentos e forças armadas, em um terço, dentro do prazo de um ano, após a conclusão do acordo.

3. Recomendação da Assembleia a todas as nações, que apresentem informes oficiais sobre a extensão de suas forças armadas e armamentos, inclusive bombas atômicas e bases em território estrangeiro.

4. Criação de um organismo internacional de controle para supervisionar a proibição das armas atômicas, a redução de armamentos e a apresentação de dados sobre armamentos por todos os governos.

NOSSA CAPA — é uma homenagem a Maria Afonso Lins (Marirete), condenada a 4 anos e 6 meses de prisão, juntamente com Jean Sarkis, porque protestou contra a ida de nossos marujos para a Coreia.



Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos; contava eu desessete anos, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrívão Menezes, que fôra casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio, de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrívão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. As dez da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas condições a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; êle não respondia, vetia-se saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Menezes trazia amores com uma senhora separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera a princípio, com a existencia da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Camavam-lhe «a santa» e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os osquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, as aparências salvas. Deus me perdôe se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O proprio rosto era mediano, nem bonito, nem feio. Era o que chamavamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrívão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver «a missa do galo na Corte». A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da freste, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha tres chaves a porta; uma estava com o escrívão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou a mãe de Conceição.

— Leio, L. Inácia.

Tinha comigo um romance, os Três Mosqueteiros, velha

tradução do Jornal do Comércio. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala e a luz de candieiro de querosene, enquanto a casa dormia, tropei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan, e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos vinavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça, logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi perguntou ela?

— Não fui; parece que ainda lá é meia noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas de alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra tinha um ar de visão romantica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não, qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espirito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

— Mas, a hora já há de estar próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi passos estranhei; mas a senhora apareceu logo.

— Que e que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a Moreninha?

— Do dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer o nome de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada ao espaldar, enfiando os olhos por entre as palpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a lingua pelos beiços, para umedece-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a enfiar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira sem desviar de mim os grandes olhos es-pertos.

— Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto:

— Dona Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio; são osze e meia. Tem tempo. Você perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia.

— Já tenho feito isso.

— Eu, não, perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso e, meia hora que seja hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o que, Dona Conceição!

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranqüillas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo, essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ao concertando a posição de algum mobjeto no para-

— dor; afinal deteve-se. ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

— E' a mesma missa da roça; tôdas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. São João não digo, nem Santo Antonio.

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no marmore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muitos claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova par mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porem, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição espetara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber porque, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e vê-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaisinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alterava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe pode acordar.

E não saia daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichavamos os dois, eu mais que ela porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado no canapé. Voltei-me e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— E utambem sou assim.

— O que? perguntou ela, inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeia que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; eramos três sonos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe; acordando, custa-me a dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me acendo vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser também que não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma historia de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quiz saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra materia, e eu pegava novamente a palavra. De quando em quando, reprimia-me.

— Mais baixo, mais baixo.

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a vi dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriram-se logo sem sono nem fadiga como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebedado na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindissima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro e obrigou-me a estar sentado. Cuidel que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negocio deste homem. Um representava «Cleopatra»; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais proprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

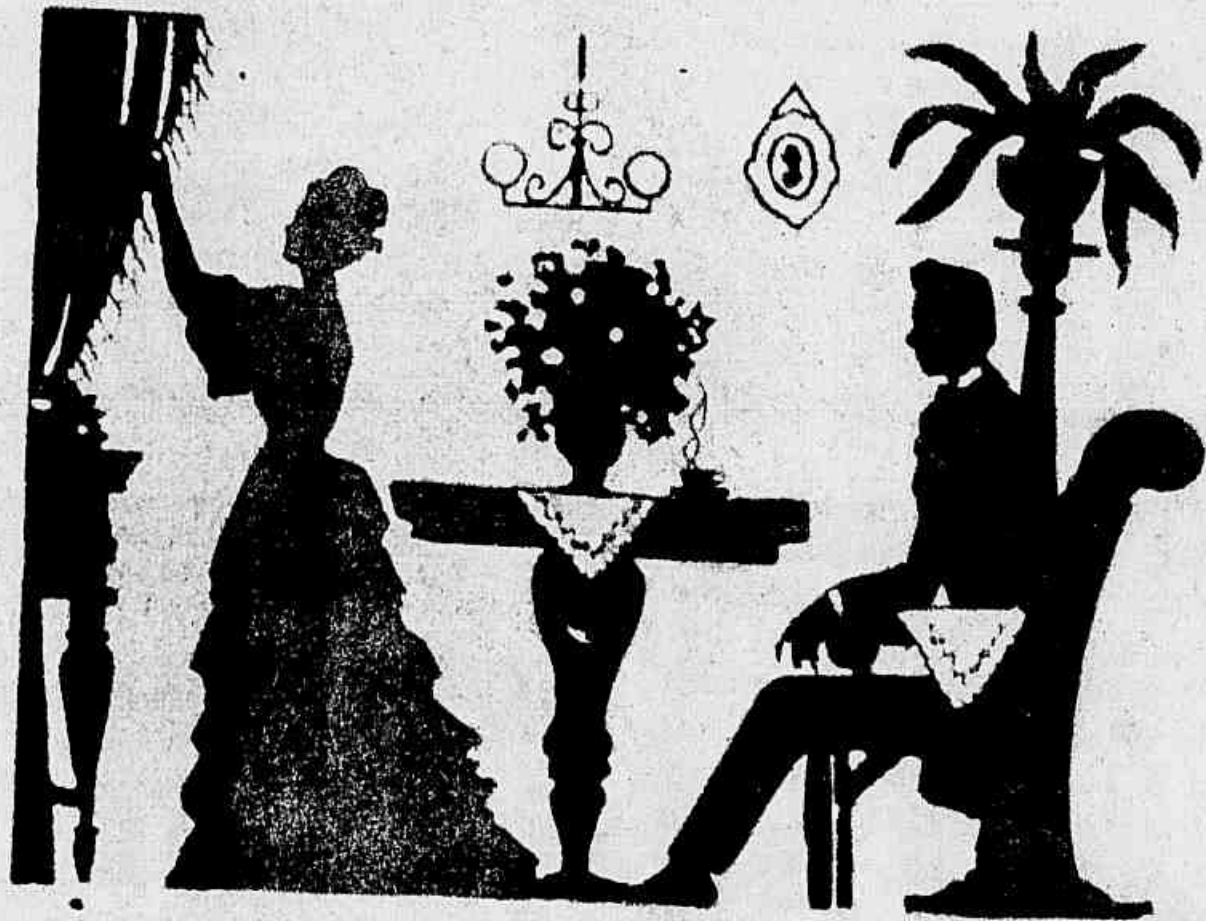
— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam das moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de familia é que não acho proprio. E' o que eu penso, mas eu pesno muita coisa assim esquesita. Seja o que fôr, eu não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alina e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscencias de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de familia, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a principio e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos e enticu a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma cousa, para sair da especie de sono magnetico, ou que quer que era que me tolhia a



lingua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo — não posso dizer quanto — inteiramente calados. O rumor úmido e escasso, era um roer de camandongo no gabinete, que me acordou daquela especie de sonolencia; quis falar d'ele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela do lado de fora e uma voz que bradava: «Missa do galo! Missa do galo!»

— Ai está o companheiro, disse ela, levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, éle é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus, até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor a dentro, pisando mansinho. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpos-se mais uma vez, entre mim e o padre; fique isto a conta dos meus desessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia achei-a, como sempre, naturalmente, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo ano bom fui a Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

Conferência Continental pela Paz

DE 22 A 27 DE JANEIRO DE 1952, NO RIO DE JANEIRO, ESTARÃO REUNIDOS DELEGADOS DE TODOS OS PAISES DO CONTINENTE — EXPRESSIVAS PERSONALIDADES MUNDIAIS ASSISTIRÃO AO IMPORTANTE CONCLAVE — A DRA. MARIA OLIVER, SECRETARIA DA COMISSÃO PATROCINADORA, CONCEDE UMA ENTREVISTA A IMPRENSA

A dra. Maria Rosa Oliver, escritora argentina e figura de projeção mundial, é uma velha amiga do Brasil, onde esteve em 1943, recolhendo material sobre nossa literatura.

Chegando ao Rio para organizar a Secretaria da Conferência Continental, teve ela oportunidade de dizer à imprensa inúmeras coisas interessantes sobre a luta do povo argentino pela paz e a importância da próxima Conferência.

A dra. Oliver informa que já atingiu três milhões e meio o número de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz, coletadas entre o povo da Argentina. São grupos de operários, mulheres e jovens, radicais, peronistas e sem partido, que fazem essas coletas.

A pergunta que lhe fez

MOMENTO FEMININO sobre o papel da mulher nessa campanha, responde risonha:

—As mulheres são na realidade as mais ativas coletadoras. O grupo de mulheres Argentino pela Paz. E esse «Amigas da Paz» está integrado no Conselho Nacional movimento é apoiado pela «União de Mulheres Argentinas».

Um dos episódios que representa um marco na intensificação do movimento pela paz na Argentina, disse ela, foi a marcha empreendida pelos ferroviários de Rafael, acompanhados das mulheres e filhos, até a cidade de Rosario, onde protestaram contra o envio de tropas para a Coreia. Diante dessa pressão o presidente Peron declarou dois dias antes das eleições que «em questão internacional

será o que o povo quer e não outra coisa».

O QUE SERÁ A CONFERÊNCIA CONTINENTAL

A característica principal da Conferência é sua amplitude, diz a dra. Oliver. Homens e mulheres de todo o Continente virão participar ativamente da Campanha da Paz. Da Argentina virão 40 delegados, em sua maioria operários.

A Conferência foi convocada por nomes de projeção mundial, das mais diversas tendências religiosas e políticas. Virão a poetisa Gabriela Mistral, Salvador Allende, vice-presidente do Senado do Chile, Leonidas Barletta, diretor do Teatro do Povo de Buenos Aires, Howard Fast, o grande escritor norte-americano. Gabriel Figueroa, um

dos maiores cineastas mexicanos.

A sra. Oliver fala de seu amor pelo povo norte-americano; possui nos Estados Unidos inúmeros amigos. O que reprova é a política externa do governo, que está arrastando aquele povo para a lama e para o sangue dos campos de batalha, arrastando-o para o ódio e para a morte.

Suas últimas palavras são de confiança no desejo de paz de todos os povos e de certeza na vitória da Causa da Paz Mundial.

«As mães são mães em todos os países do mundo», assim se exprimiu Pak Den Si, a heroica presidente da Federação Democrática de Mulheres Coreanas — e isso, diz a dra. Maria Rosa Oliver nos dá aquela certeza — de que os povos, as mães, conquistarão a Paz.

LIBERTEMOS

AS PARTIDÁRIAS DA PAZ

Marinete e Jean — As Jovens Irmãs Gimenez — Maria Aragão — Intensifiquemos Nossos Esforços para Libertá-las!

Cinco mulheres donas de casa, mães, jovens risonhas, uma delas médica abnegada, passarão este Natal encerradas numa triste cela de prisão — não terão direito a estreitar nos braços o filho estremecido, a velha mãe, o companheiro querido. Porque amam a Paz, porque não desejam que seus jovens compatriotas marrem numa guerra longínqua, estão presas e condenadas a vários anos de prisão.

As mulheres brasileiras não podem permitir que essas cinco patriotas, cujos sentimentos são os mesmos de qualquer mãe, que ama, acima de tudo, a vida de seus filhos, permaneçam por mais tempo atrás das grades de uma prisão. É preciso libertá-las!

É preciso protestar veementemente contra a sentença infame do juiz Emílio Pimentel, que condenou Marinete e Jean a 4 anos e 6 meses de reclusão.

Marinete está encerrada, incomunicável, sem direito sequer a um passaporte diário ao sol, sem direito a receber livros ou jornais, sem direito a receber visitas de amigos, senão uma vez por se-

mana durante hora apenas nas. Jean, escapou da morte, depois de ser obrigada a submeter-se a uma operação delicadíssima. A péssima comida e a falta de qualquer comodidade fazem que sua vida continue a correr perigo.

Marinete está fazendo GREVE DE FOME, como protesto contra as inúmeras arbitrariedades e violências de que tem sido vítima.

As mulheres não podem permitir que essa amiga fique mais tempo a sofrer esses terríveis vexames na prisão, sujeita aos desmandos do sr. Vitorio Canepa, diretor da Penitenciária.

As jovens Gimenez, menores de idade, condenadas a 1

ano e 3 meses de prisão, têm também sua vida ameaçada numa cela infecta da terrível Detenção de São Paulo.

A dra. Maria Aragão, figura de grande prestígio popular em São Luiz e em todo o Estado do Maranhão, há vários meses está presa, ilegalmente por ordem do governador, sr. Eugênio de Barros. Sua abnegação para com o povo humilde e sofrido, sua dedicação profissional e sua atuação destacada na luta pela paz e pela libertação de seu povo, valeram-lhe toda sorte de perseguições.

É preciso intensificar os protestos — enviar telegramas aos juizes do Supremo

Tribunal Federal, que julgará os recursos, ao Presidente da República, pedindo anistia para os prisioneiros políticos, aos deputados federais, pedindo que seja aprovado com urgência o projeto de lei que concede anistia, aos governadores estaduais, às Câmaras Municipais, para que se manifestem a favor dessa medida.

A libertação de Elisa Branco, também condenada a 4 anos de prisão e depois absolvida pois o Supremo Tribunal Federal reconheceu que não havia cometido crime algum, foi uma conquista do movimento de solidariedade de todo o povo brasileiro.

Também agora, esse mesmo sentimento de solidariedade, que se transforma em múltiplas ações, conseguirá libertar essas cinco mulheres, mães e donas de casa, que poderão voltar aos carinhos de seus entes queridos e ao aconchego de seus lares.

LIBERTEMOS ESSAS CINCO AMIGAS!

SUA LIBERTAÇÃO SERÁ UMA GRANDE CONTRIBUIÇÃO A CAUSA DA PAZ



A Esperança das Multidões

O Conselho Mundial da Paz dirigiu aos povos do mundo as seguintes palavras:

«Se se pede a um homem simples que diga qual o seu bem mais precioso responderá que este bem é a sua própria vida e a dos seus entes queridos, sua casa, o campo que cultiva, as ferramentas com que trabalha ou talvez um objeto que lhe pareça formoso ou um livro de que tenha gostado.

E se perguntarmos a este homem qual será sua atitude em caso de ameaça aos entes que ama ou aos seus bens, responderá que está disposto a tudo para defendê-los e salvá-los.

E' um sentimento comum a todos os homens, a todas as criaturas honestas: quando uma mãe tem um filho enfermo, está disposta a dar

todas as horas de sono e também o sangue de suas veias para impedir que morra.

Apesar disso existem mães que hoje choram seus filhos, existem campos que foram transformados em 'deserto, onde nada crescerá durante meses e anos. Monumentos, esculturas e pinturas que a paciência e o genio dos homens haviam empregado séculos em criar e aperefeiçoar e que foram transformados em cinzas.

Novamente os canhões atiram sobre o berços das crianças. Novamente atiram sobre as mulheres, sobre a juventude que olha o porvir com esperança, ou sobre os anciãos que desejam colher o fruto do seu trabalho.

A guerra devasta, mais uma vez, um pedaço da terra. E quando se ouve falar de combates de cidades ar-

rasadas, de colunas de refugiados que caminham deixando seus lares, como não pensar que a guerra, a horrível guerra, abrasou o mundo duas vezes no espaço da vida de um homem?

Esta palavra terrível, duas vezes enterrou punhais nos corações das mães e das noivas. Lembra mil recordações cruéis: desde a carta esperada que não chega até a angustia do pedaço de pão que falta, as privações das crianças, a fome. Homens jovens e formosos voltam da guerra desfigurados. Perdem-se milhões de horas de trabalho, toneladas de trigo transformam-se em cinzas.

Se a guerra feriu a humanidade por duas vezes e se arde num ponto do mundo, como não pensar que pode estender-se pela terceira vez a humanidade inteira?

Todas as pessoas honestas estão de acordo sobre esse fato simples: a guerra é atroz, a humanidade precisa ser preservada desta praga devastadora.

Como fazer, então, uma vez que milhões de criaturas simples estão de acordo em preservar suas vidas e o trabalho de suas mãos, numa hora em que a guerra ameaça o mundo?

Uma grande idéia acaba de aparecer: seja qual for seu pensamento a respeito das causas que determinam a guerra, os homens não devem esquecer que o que os une é o odio da guerra. Esta vontade comum de todos os homens de deter a catástrofe é um laço de união poderoso.

E é para atender a esta vontade comum que foi lançado o:

UMA RECORDISTA

Maria Brandão é uma figura popular na cidade do Salvador. Morando no bairro tradicional, a Baixa do Sapateiro, sua casa tem as portas abertas para aquele mundo de amigos, partidários da Paz. E' uma especie de mãe de toda aquela gente e dos que chegam de fora. Tipo de baiana, preta, gorda, carinhosa, seu entusiasmo contagia e sua amizade é um conforto. Tem quase 70 anos a Maria Brandão, e é tão moça, tão cheia de vida, dessa vida pela qual ela luta, para que seja longa e feliz para todos.

Trouxe 10.700 assinaturas para o III Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz. Para sabermos a maneira como conseguiu, ouçamos a palavra de Maria Brandão, especialmente para MOMENTO FEMININO:

—Eu ouvia, sempre, diversas pessoas falarem de outra guerra e do envio de moços para a guerra da Coreia. Ficava preocupada. Pensava assim: milhares de vidas de jovens estão em perigo. Já fazia uma idéia das mães perdendo seus filhos, esposas ficando viúvas, irmãos sem

seus irmãos e noivas sem seus noivos. Não, disse para minha filha, deve haver um meio de evitar tantas mortes. Foi quando ouvi falar no Apêlo por um Pacto de Paz.

E continuando:

—Fui ao Comité de Paz do meu bairro, mandaram que eu esperasse três dias, pois não havia listas. Mas resolvi não esperar tanto tempo. Mandeí imprimir as listas por minha conta e no outro dia saí distribuindo nas casas dos amigos e conhecidos. Mandeí também para os municipios onde tenho parentes. Um alfaiate do bairro encheu inúmeras listas para mim e minha filha, ao viajar, levou muitas para coletar assinaturas por onde estivesse. Onde houvesse um bar ou um café eu entrava e quando saía a lista ficava cheia. E assim, finalizou d. Maria, ao voltar para a Bahia, falarei com meus amigos sobre esse maravilhoso Congresso, apelando para que todos trabalhem, a fim de que as cotas sejam dobradas e a Paz seja vitoriosa no mundo.

Apêlo por um Pacto de Paz

ATENDENDO às aspirações de milhões de homens do mundo inteiro, qualquer que seja sua opinião sobre as causas que engendram os perigos de guerra mundial;

PARA consolidar a paz e garantir a segurança internacional;

RECLAMAMOS a conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências: Estados Unidos da América, União Soviética, República Popular da China, Grã-Bretanha e França.

CONSIDERAMOS a negativa do Governo de qualquer das grandes potências a reunir-se para concluir esse pacto de paz, como evidência de designios agressivos por parte desse Governo.

FAZEMOS um apêlo a todas as nações amantes da paz para que apoiem a exigência de um pacto de paz aberto a todos os Estados.

COLOCAMOS nossas assinaturas ao pé deste Apêlo e convidamos a assiná-lo a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, a todas as organizações que aspiram à consolidação da paz.

Adotado por unanimidade pelo Conselho Mundial da Paz durante sua reunião de Berlim em 25 de Fevereiro de 1951.

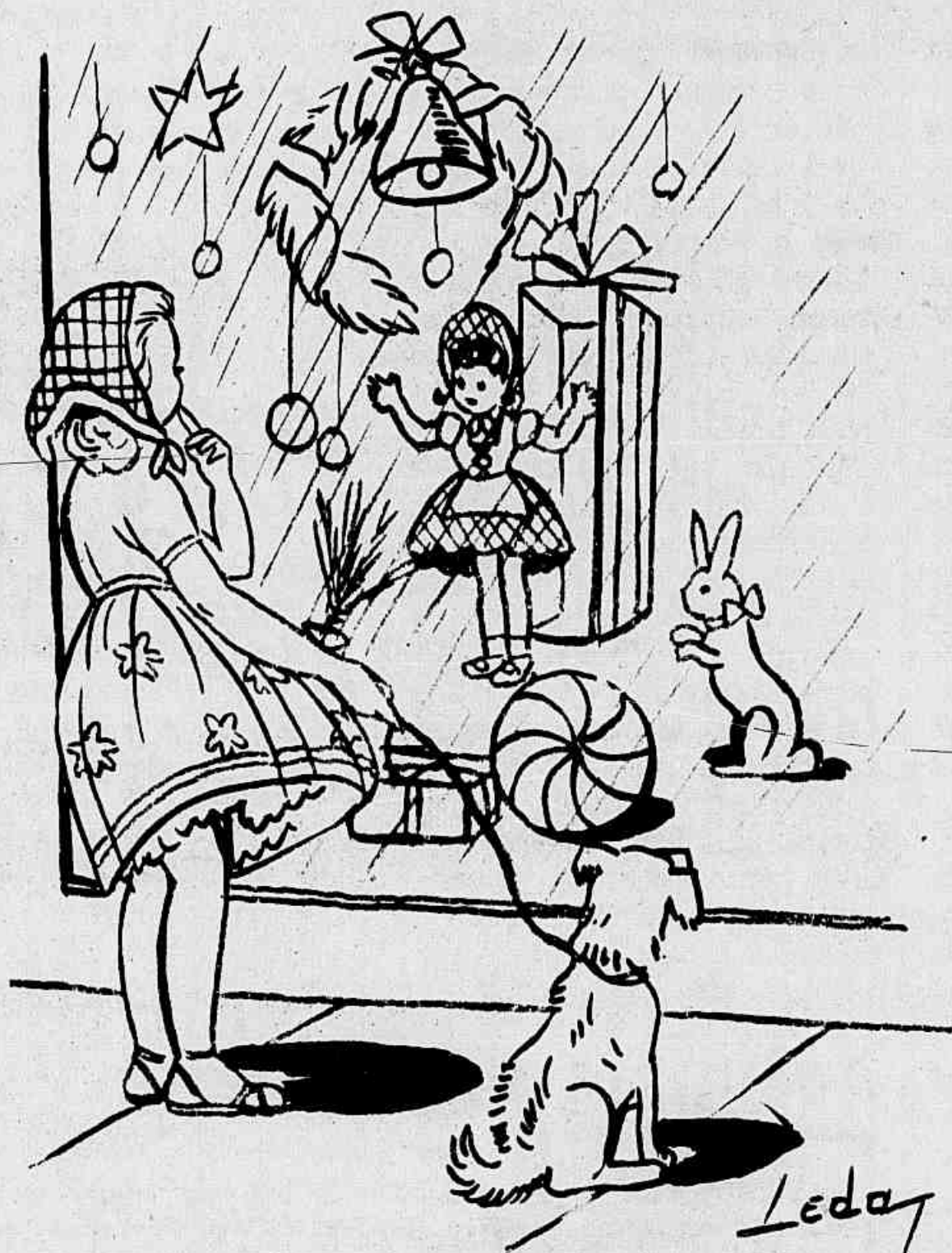
O Presidente
JULIOT CURIE



Feliz Natal!



Texto e Ilustrações de Leda Sá



Era véspera de Natal — Marina olhava as vitrines das lojas, lindamente enfeitadas com brinquedos, bolas coloridas, árvores iluminadas, cestos de frutas e bombons. Ela sabia que Papai Noel não podia levar nada daquilo para ela.

Sabem por que? Porque Marina era pobre. Vivia numa casa modesta com o papai que era operário e a mamãe que cosia para fora.

O dinheiro só chegava para as despesas.

Marina quando era pequenina chorava muito no Natal por não ganhar aquelas coisas que via nas vitrines, e em seus sonhos de criança.

Agora Marina está mais crescida e compreende que seus pais são pobres. O Natal foi feito para gente rica e os pobres apenas aproveitam as migalhas que os ricos deixam cair. Triste e pensativa Marina voltou para casa.

Sua mamãe, curvada na máquina, aprontava um vestido dinho que fizera como surpresa para a filha. Marina agradeceu com um beijo. Quanta bondade! A mesa estava com toalha nova e havia um pão de ló, rabanadas, nozes e passas, até uma garrafa de vinho!

Marina não se alegrou, pois imaginou o sacrifício de sua mamãe para ter aquilo!

Nem dá gosto de comer...

Mais tarde chegou o papai. Vinha sempre alegre e trazia amarradas na marmitta lindas revistas e um livro de história. Marina arregalou os olhos! Que bonitas figuras!

E viu belas crianças dançando e cantando; umas tocavam, outras comiam gulodices, outras ainda brincavam e pulavam pelas ruas.

Todas sorrindo!

— «Que lindo!» — disse Marina entusiasmada!

«Isso existe?»

O papai então, contou que aquilo mostrava realmente como se diva festejar o Natal.

As crianças todas ganhariam lindos presentes, teriam livros, teatros, cinemas e brincariam juntas nas festas e nas ruas.

— «Que bom!» exclamou a menina.

«Mas por que aqui não é assim?»

— «Porque somente sem miséria, sem doenças e sem necessidades, teremos Natais assim.

— «E falta muito?» indagou Marina ingenuamente?

O papai explicou que isso só seria possível quando todo fossem saudáveis, alegres, não pensassem mais em guerras e vivessem em PAZ.

Marina estava encantada com o que via e ouvia... Ela iria mostrar a todas as colegas e até às professoras, aquelas lindas revistas e o livro de história. Estava certa de que todo o mundo havia de querer ter para muito breve um Natal daqueles... Os papais sorriam ao ver a satisfação de Marina ao ler aqueles contos e olhar as figuras coloridas. Foi o melhor presente que haviam dado à filha porque aquilo despertara em seu coraçãozinho os sonhos e a esperança de um Natal Feliz!

Alegres, os três sentaram-se à mesa, e, com apetite começaram sua ceia de Natal!

Marina não se cansava de fazer perguntas e o papai de respondê-las. A mamãe sorria... E naquela casinha pobre, apesar das necessidades e dos sacrifícios reinava a alegria porque dentro de cada coração estava a esperança de um mundo melhor, de paz e saúde, e a certeza de que muito breve festejariam Natais daqueles!



Dr. Campos da Paz Filho

MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL

—: GINECOLOGIA :—

— Caixa de Pensões da Light —

(Laureado pela Academia de Medicina)

ED. CARIOCA — SALA 218 — Tels. 42-7550 e 38-5656

Nossa Crônica de Natal

ANA MONTENEGRO

Todos os dias nascem crianças. E a maioria não alcança, em nossa terra, o primeiro ano de vida. Mas, a tradição religiosa consagrou uma noite especial à festa de nascimento -- a Noite de Natal.

As vitrines das lojas são enfeitadas com bolas coloridas que se misturam às bonecas que andam e falam, aos carros que deslizam sobre rodas pequeninas, a um numero infindavel de brinquedos, que encham de sonho e fantasia mentes infantis. Alguns são os donos desses brinquedos. Alguns, apenas. Outros, milhares, os filhos dos operários, os filhos dos que cavam de enxada a terra alheia, não acreditam nem Papai Noel. As vozes, descem dos morros, vêm de longe, passam horas inteiras em jiluz, e umas senhoras caridosas lhes dão uns saquinho insignificantes, que logo são destruídos ao contacto de mãos sujas, magras e cansadas.

Antes, foram dias de espera e de fome. Depois, virão dias iguais. Muitos ficaram enterrados em buracos feitos no chão, até que a mãe voltasse das oito horas de trabalho na fábrica. Outros nem comeram e nem brincaram, até que a mãe voltasse da lavagem de roupa ou da faina de cozinheira na cidade. Outros tiveram febre; outros caíram nas ladeiras dos morros; outros morreram enquanto inutilmente as mães aguardavam desesperadas que chegasse a assistência pública ou que fossem atendidos nos chamados postos de saúde. Muitos não podendo nem mesmo olhar as vitrines. A menina de Parada de Lucas, que está quasi cega de sub-nutrição. As crianças de Pernambuco, que cegaram porque beberam o leite americano. Os meninos entrevados com a humidade dos casebres.

Por isso, o Natal é, apenas, mais uma noite. Um pedaço sem sol na vida de cada criança abandonada, de cada criança analfabeta; de cada criança doente, de todas as crianças famintas.

Os que distribuem os saquinhos nas filas, muitas vezes, são os donos das fabricas, são os administradores do país, que não dão salários compensadores a seus empregados, nem tomam medidas capazes de amparar as crianças. São os primeiros a massacrar, a encarcerar, a torturar aqueles que lutam por aumento, aqueles que lutam para que as crianças sejam agasalhadas em creches, sejam tiradas de um mundo sem o tormento da fome e sem as misérias da cidade em hospitais, bebam leite, frequentem escolas, vivam guerra.

O Natal que estamos assistindo não é o Natal que desejamos. É a emoção que sentimos não vem das festividades. É a emoção da esperança e da certeza de outros natais que virão: a imensa árvore frutificando e florindo para todas as crianças. Tão alta que alcançará o céu de todos os desejos. Tão imensa que abrigará os filhos de todos os homens e de todas as mulheres que trabalham e constroem. O Natal do futuro. O nascimento de um novo mundo, onde os gritos das crianças feridas não façam sangrar o coração das criaturas, o coração das estrelas dentro do silêncio das noites. O nascimento de um mundo onde os homens de todos os países apertem as mãos e façam uma grande roda, em torno das crianças que estarão cantando e ballando, alimentadas, seguras e felizes.

Esse será o nosso Natal. O Natal dos homens de boa vontade.

Vento Sul que andas gemendo...

BEATRIZ BANDEIRA

Vento Sul que andas gemendo
nas tábuas do Novo Cais,
tantos gemidos ouviste
que agora não gemes mais...

Vento Sul, seca essa lama
que emporcalha o Novo Cais;
limpa as ruas, abre as casas,
ensina um canto sem ais.

Luzes que brilham na noite
cintilam no Novo Cais.
Não são estrelas acêsas,
não são faróis nem fanais.
São consciências despertas,
nas trevas do Novo Cais.

Vento Sul, convoca o rio,
convoca com toda a pressa
desfolhem rosas mais lindas,
tragam bençãos e promessas,
tragam bençãos e promessas
lavem as tristezas que moram
nas almas do Novo Cais.

Que brilhe o sol sobre a lama!
Que brotem flores do lixo!
Que os porcos em seus chiqueiros
sintam que o Dia raiou!

Que na velhice precoce
das infâncias sem brinquedo
surja a consciência da Vida
sem mistérios nem segredo;
e nasçam risos sonóros
por onde o pranto secou.

Vento Sul que andas cantando
nas tábuas do Novo Cais
teu canto é voz de esperança,
cantiga de madrigais.

Vento Sul, outros perguntem
porque esqueceste os teus ais:
eu sinto o aroma de aurora
que trazes ao Novo Cais.

Que as luzes que estão brilhando
na noite isenta de ais,
não são de estrelas acêsas,
nem de faróis ou fanais
São consciências despertas
nas trevas do Novo Cais...

Nota: Novo Cais é uma vila de maloqueiros (javeles, como chamam no Rio)

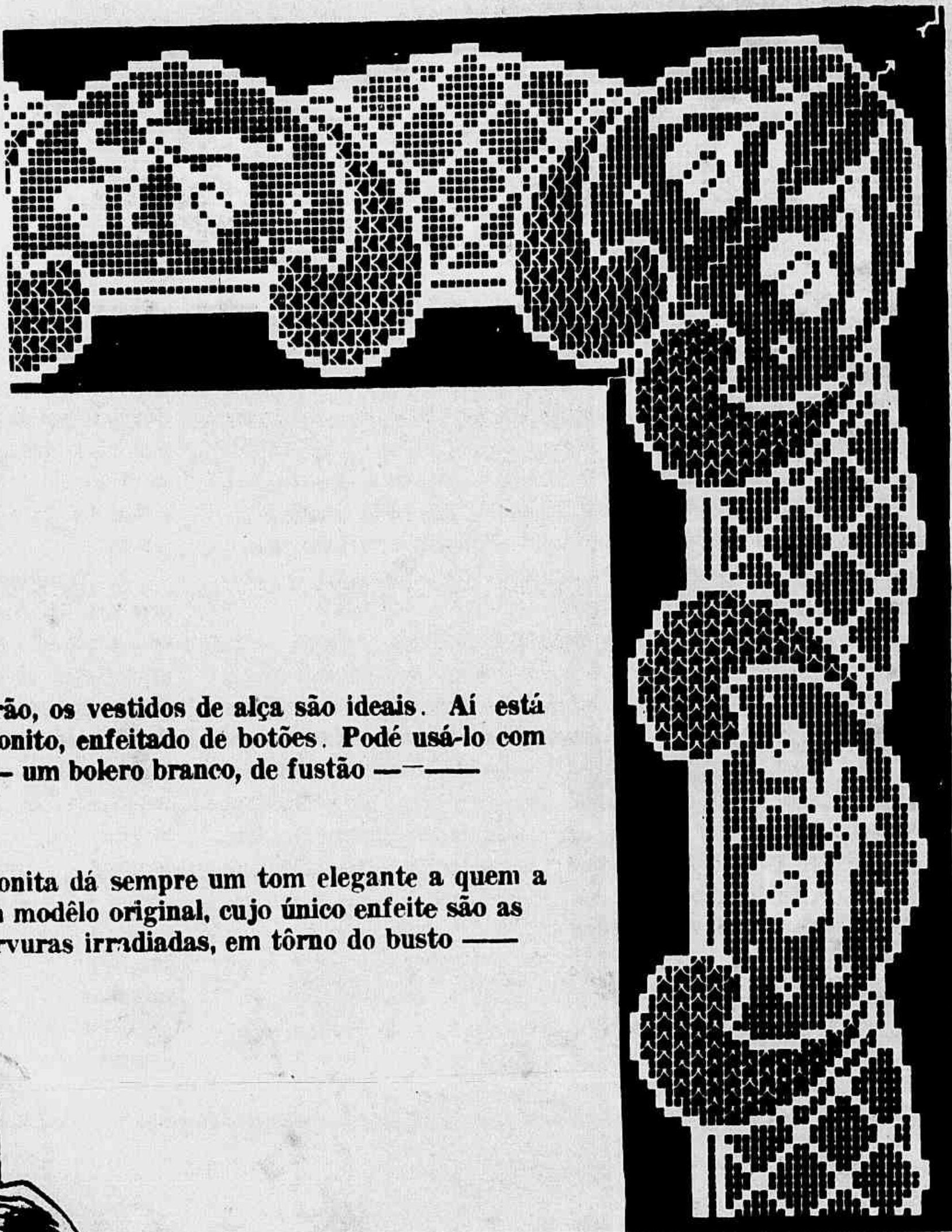


Agora no verão, os vestidos de alça são ideais. Aí está um modelo bonito, enfeitado de botões. Podé usá-lo com
— um bolero branco, de fustão —

Uma blusa bonita dá sempre um tom elegante a quem a usa. Eis um modelo original, cujo único enfeite são as
— nervuras irradiadas, em tórno do busto —



Atendendo a pedidos de nossas leitoras do Ceará, oferecemos hoje um lindo motivo para crivo, que pode ser aproveitado em toalhas ou centros de mesa. Nossas amigas poderão utilizá-lo ainda como sugestão para blusas ou qualquer outro dos encantadores trabalhos que sabem
— executar, tão apreciados por tôdas nós —



Para você, leitora, que gosta de dansar nas festas de Ano Novo, oferecemos êste bonito vestido, que pode ser feito em tafeta moirée ou em faille. Tem como enfeite ——— duas lindas rosas ———

Para as tardes de verão, êste encantador vestido, com ampla saia godê e botões, de cima a baixo. Dará um ar ——— juvenil às nossas gentis leitoras ———

Linda blusa em seda branca, enfeitada de rendas. Pode ser usada numa festinha, ou com um costume para um ——— passeio na cidade ———





ALGUMAS

RECEITAS

PARA O NATAL

VIRGÍNIA

1) PRESUNTO COM MEL

Tome um presunto enlatado, retire um pouco da gordura, coloque em um prato grande que vá ao forno. Despeje por cima do presunto «Mel Karo» cristal, vá alisando uniformemente com uma faca o mel sobre o presunto para penetrar bem o mel. Espete alguns cravinhos da Índia no presunto e por cima poville de rosca. Leve ao forno brando para cozinhar e corar. Antes de levar ao forno, junte umas rodela de abacaxi em calda e ameixas pretas, já sem caroços.

2) PATO ASSADO DE FORNO

Limpe muito bem o pato, que deve ser de bom tamanho, e ponha no molho para tomar gosto, antes de assar.

O molho é preparado em vinagre branco (ou vinho branco), alho socado, sal, pimenta do reino socadinho e cuminho. Despeje este molho sobre o pato furando com um garfo o pato, para que o molho penetre bem. Deixe assim por umas duas ou três horas.

Tome um pato que vá ao forno e faça um tempero com gordura, tomate seboia, temperos verdes. Deite o pato nesse tempero e leve a assar regando sempre, para que não pegue.

3) PURÊ DE CASTANHAS — para comer com pato assado

Cosinhe um quilo de castanhas, em água e sal, tirando as pontas. Depois de cozidas, tire as cascas, amasse muito bem. Refogue com manteiga, um pouquinho de leite, e a seguir misture as castanhas, para amaciar.

4) TORTA DE FRUTA

Ingredientes:

- 1 xícara de açúcar.
- 1 1/2 xícara de farinha de trigo
- 1/2 xícara de Maizena.
- 2 colheres de chá de fermento.
- 100 gramas de manteiga derretida.
- 2 ovos bem batidos
- 1/2 xícara de leite.

Misture a farinha, o açúcar e a manteiga, peneire bem. Junte a seguir os ovos batidos e o leite, mexendo bem. Adicione manteiga derretida e finalmente o fermento. Divida a

massa e leve a assar em duas formas. Depois de fria, recheie com frutas em calda grossa ou creme de Maizena, com raspa de limão.

5) ROLO RECHEADO (ROCAMBOLE)

Ingredientes:

- 3 ovos
- 1 1/2 xícara de açúcar.
- 6 colheres de sopa de água.
- 1 1/2 colher de chá de pó Royal.
- 1 xícara de farinha de trigo
- 1/2 xícara de uraruta.

Peneire bem os ingredientes secos; bata separado os ovos bata as gemas até ficarem bem consistentes; junte devagar o açúcar, batendo sempre acrescentando a água e bata muito bem. As claras, batidas em neve, são adicionadas aos ingredientes secos. Depois misture tudo.

Unte o tabuleiro, espalhe farinha de trigo, derrame a massa e leve ao forno regular, por uns 10 a 15 minutos. Retire do forno e vire logo sobre um pano úmido, polvilhado de açúcar. Apare as beiradas com uma faca afiada.

Espalhe por cima geléia ou um creme e faça o rolo, enquanto estiver quente; envolva no pano úmido.

Quando estiver bem frio, tire o pano e torne a polvilhar o rolo com açúcar. Verifique se está completamente frio, antes de cortá-lo em fatias.

6) COQUETEL DE FRUTAS

Suco de 6 laranjas, 1 abacaxi grande, 1 pera, uma maçã, 250 gramas de uvas, 1 garrafa de água mineral, 4 colheres de xarope de groselha e 3 colheres de açúcar.

Tire o suco de laranjas e do abacaxi, junte a água mineral, a groselha e o açúcar, mexa bem. Corte em pedacinhos a pera, a maçã e as uvas.

Misture bem e deixe gelar.

7) COQUETEL QUENTE

6 gemas batidas, com uma xícara de açúcar, como se fosse para gemada; 1 xícara de chá preto, caldo de limão e um copo de conhaque.

Misture tudo e dê duas fervuras no momento de servir.

Dr. Luiz Werneck de Castro

Advogado

RUA DO CARMO, 49, 2.º ANDAR, SALA 25
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas
Fone 23-1064

EXCETO AOS SABADOS

Dr. Francisco Sá Pires

Psicoterapia e Análise

Professor de Clínica Psiquiátrica

RUA SANTA LUZIA, 732, S/718, 7.º ANDAR
Diariamente

CONSELHOS — Para Donas de Casa

O seu filhinho está começando a andar? — Então, compre para ele sapatinhos com sola de borracha, porque deste modo a amiga evitará os escorregões e as quedas tão comuns nesta idade.

Quando a sua agulha estiver com a ponta enferrujada, aconselhamos espetá-la, várias vezes, num pedaço de sabão, e se notará então que ela cose perfeitamente.

Não use nunca o espanador para retirar o pó de seus móveis, porque você consegue com isto somente mudar a poeira de um lugar para outro. Tire o pó de seus móveis com pano seco e macio, o qual deverá sacudir várias vezes fora da peça que está limpando.

O mofo que se forma sobre suas roupas guardadas nos armários e malas, pode ser evitado se você colocar no interior destes uma lata contendo cal virgem.

A carne que você comprou para o jantar é demasiado dura? Junte, então, à água em que a mesma está cozinhando, 1 colherinha de vinagre. O vinagre fará com que ela fique macia, sem prejudicar o paladar.

MOMENTO FEMININO

Vidas Secas

Romance de Graciliano Ramos

CAPITULO III

FABIANO tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha, feijão e rapaduras. Sinhá Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara de mais.

Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em côvado, receoso de ser enganado. Andava inresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos oblíquos. À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás.

Aí certificou-se novamente de que o querosene estava batizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. Seu Inácio trouxe a garrafa de aguardente. Fabiano virou o copo de um trago, cuspiu, limpou os beijos à manga, contraiu o rosto. Ia jurar que a cachaça tinha água. Porque seria que seu Inácio botava água em tudo? perguntou mentalmente. Animou-se e interrogou o bodegueiro:

— Porque é que vossemecê bota água em tudo?

Seu Inácio fingiu não ouvir. E Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. Pobre do seu Tomás, Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria?

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:

— Como é camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

— Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contudo, etc. E' conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

Atravessaram a bodega, o corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira.

— Desafasta, ordenou o polícia. Aqui tem gente.

Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano encalacrrou-se também. Sinhá Vitória ia danar-se, e com razão.

— Bem feito.

Ergueu-se furioso, saiu da sala, trombudo.

— Espera aí, paisano, gritou o amarelo.

Fabiano, as orelhas ardendo, não se virou. Foi pedir a seu Inácio os troços que ele havia guardado, vestiu o gibão, passou as correias dos alforjes no ombro, ganhou a rua.

Debaixo do jatobá do quadro taramelou com sinhá Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. Que desculpa iria apresentar a sinhá Vitória? Forjava uma explicação difícil. Perdera o embrulho da fazenda, pagara na botica uma garrafada para sinhá Rita louceira. Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções com que pretendia justificar-se a figura de sinhá Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. Arrumaria uma história sem ela, diria que haviam furtado o cobre da chita. Pois não era? Os parceiros o tinham pelado no trinta-e-um. Mas não devia mencionar o jogo. Contaria simplesmente que o lenço das notas ficara no bolso do gibão e levava sumiço. Falaria assim: — «Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo». Não, não encontrara ninguém. Atrapalhava-se de novo. Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem. Pois estava acabado. O dinheiro fugira do bolso do gibão, na venda de seu Inácio. Natural.

Repetia que era natural quando alguém lhe deu um empurrão, atirou-o contra o jatobá. A feira se desmanchava: escurecia; o homem da iluminação, trepando numa escada, acendia os lampiões. A estrêla papa-ceia branqueou por cima da torre da igreja; o doutor juiz de direito foi brilhar na porta



da farmácia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com os talões de recibos debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de frutas; seu vigário saiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; sinhá Rita louceira retirou-se.

Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada. Entretido com o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. E não levava o querosene, ia-se alumiar durante a semana com pedaços de facheiro. Aprumou-se, disposto a viajar. Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro aquele tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catiniga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.

Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

— Desafasta, bradou o polícia.

E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.

— Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?

Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reíuna em cima da alpercata do vaqueiro.

— Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

— Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

— Está certo disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. E m seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

— Hum! Hum!

Porque tinha feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fôra prêso. De repente um fusuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

Continúa na pag 16

MOMENTO FEMININO

Não é Possível Viver Com Salários Tão Baixos

E' PRECISO TRABALHAR QUASE DUAS HORAS PARA COMPRAR UM QUILO DE PÃO — ROUPA, ESCOLA, REMÉDIO, MESMO A ALIMENTAÇÃO COMUM E' UM LUXO — E OS PRESENTES DE NATAL? QUANTO PAGAM E QUANTO LUCRAM

A media de salarios dos trabalhadores na industria em geral é de cr\$ 799,00, segundo dados publicados em relatorios pelo Instituto dos Industriarios. Cinco milhões e tresentos mil pessoas dependem da atividade industrial, isto é, dependem do salario de cr\$ 799,70. Mas, essas pessoas não são sozinhas: tem filhos, esposas, pais, irmãos menore e parentes.

Ganhando a media diaria de cr\$ 26,70, vejamos o que uma tecelã, que passa oito horas em pé, movimentando um tear, pode comprar com esse salario:

	(considerado o preço médio em todo o país)
1 quilo carne	Cr\$ 16,00
1 quilo de feijão	Cr\$ 4,50
1 quilo de arroz	Cr\$ 6,50

Poderá uma familia viver apenas com isso? E o sabão? o pão? o leite? as frutas? a verdura? o sal? o aluguel da casa? a roupa? o remédio? o combustível? o calçado? a escola para as crianças? E tantas outras coisas, que são necessarias todos os dias?

O trabalhador da industria no Brasil, para comprar um quilo de pão, tem que trabalhar 1 hora e 47 minutos.

Quantas operarias saem de casa com o estomago vazio, enquanto os filhos, que ainda dormem, deitados na humanidade do chão de terra batida, acordarão depois, e não encontrarão um pedaço de pão. E as terras se estendem, pelo interior a dentro, esperando as sementes de abrigo.

Na cidade de Penedo, no Estado de Alagoas, onde o salario é de cr\$ 12,00. Dois dias de trabalho por um quilo de carne!

Enquanto isso, só no primeiro semestre deste ano as maiores fabricas de fiação e tecelagem do Rio de Janeiro tiveram os seguintes lucros:

	CR\$
BANGU	35.285.000,00
AMERICA FABRIL	24.198.000,00
NOVA AMERICA	29.848.000,00

E CHEGOU UM NOVO NATAL

O Natal chegou.. Mais um Natal. As crianças desejam presentes: uma bola, uma boneca, tantos brinquedos tão bonitos! Não conhecem castanhas, nozes, passas. Com o Abono de Natal, as mães tecelãs, os operarios de todas as fabricas, poderiam comprar uma roupa ou um sapato novo para o filho. Por isso, lutam elas para conquistar o Abono.

E a Vida Continua Sempre Mais Cara...

IMPOSTOS E TAXAS

A partir de janeiro de 1952 vão aumentar, no Estado de Minas Gerais, os impostos e taxas. Esse foi o projeto aprovado na Câmara Estadual.

Tudo ficará ainda mais caro em Minas: alugueis, transportes e mercadorias.

LEITE EM PÓ

Foi liberada, pela Comissão Consultiva do Intercambio Comercial a importação do leite em pó. Com essa medida foi beneficiada a Cia. Nestlé, firma de capitais estrangeiros, principalmente americano, que se aproveitando do aumento obtido pelos produtores nacionais, terá grandes lucros.

Muitas mães darão a seus filhos o leite em pó, que não tem as qualidades nutritivas do leite natural.

E A MANTEIGA?

As donas de casa do Distrito Federal já não podem usar manteiga. Quando aparece, é vendida a cr\$ 60,00 o quilo. Milhares de crianças, estão privadas desse alimento.

Minas Gerais, por exemplo, fornece 67 por cento do leite consumido no Rio de Janeiro, mas, em Belo Horizonte, extensas filas se formam às portas dos armazens, para comprar a pouca manteiga que resta, a cr\$ 50,00 o quilo.

A CARNE E OS FRIGORIFICOS

No mes de novembro passado, os frigorificos estrangeiros tinham em estoque 17 mil toneladas de carne. E a carne continua desaparecida. Alcatra não existe. Filet custa Cr\$ 25,00 o quilo.

As donas de casa continuam inutilmente nas filas.

Em Manaus, um quilo de carne está custando cr\$ 30,00.

Assim, o consumo anual de carne, por pessoa, no Brasil, que era de 18 quilos apenas, vai diminuir ou desaparecer.

E as promessas do governo de carne a cr\$ 4,00? E o estoque dos frigorificos? Com a nacionalização dos frigorificos, esse estoque iria para os açougues e daí para os lares necessitados e famintos.

O RIO DE JANEIRO AS ESCURAS

Com algumas poucas lampadas acesas, as ruas da Capital da Republica parecem as de uma cidade em zona de guerra. Elevadores parados. Predios sem água. E a Light (empresa estrangeira que controla o fornecimento da energia) ameaçando com novas restrições. Ameaçando com o aumento do preço do consumo da energia, apesar das chuvas, apesar do emprestimo que lhe fez o governo de 90 milhões de dolares.

Contra a Carestia Mesa Redonda Com as Leitoras

As mulheres de Pernambuco, têm-se empenhado numa grande campanha contra a carestia, através de denúncias, atos publicos, memoriais de protestos, concentrações populares visitas à Assembleia Legislativa e Palacio do Governo.

Comparecendo ao programa da Radio Nacional, «Carta na Mesa», a Associação Feminina do D. Federal debateu, através de uma comissão de associadas, o problema da carestia.

«MOMENTO FEMININO» realizou com suas leitoras e amigas do Distrito Federal, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, um animado debate sobre a nova apresentação do jornal, suas seções e materias.

Inumeras representantes de bairros e empresas, apresentaram sugestões e deram opinião, experiencias de venda de MOMENTO FEMININO etc.

Oferecemos às nossas leitoras o resumo de algumas das opiniões recebidas. Esperamos que as amigas dos Estados também nos enviem as suas.

Ai vão elas:

1) Uma funcionaria publi-

ca opina que o jornal trata demais de assuntos estrangeiros.

2) a pagina da infancia está pouco desenvolvida.

3) o problema da educação e orientação das crianças deve ser melhor abordado.

4) as receitas de Cozinha são às vezes muito caras e a seção é muito grande.

5) o jornal é demasiado politico, deve ser mais leve.

6) a seção «As leitoras escrevem» deve ser sempre publicada.

7) o jornal deve fazer reportagens em setores profissionais, com as comerciantes professoras, medicas etc.

Essas são algumas das sugestões apresentadas.

Mas é preciso que todas as nossas leitoras opinem sobre MOMENTO FEMININO, respondendo ao nosso questionário:

a) Que acha da nova apresentação de MOMENTO FEMININO... ..

b) Qual a seção que mais lhe agrada? por que?

c) Quais as seções que não lhe agradam? Por que?

d) Quais as sugestões que apresenta?

Envie sua resposta para nossa Redação: Rua Evaristo da Veiga, 16 sala 808 — RIO.

Na Fábrica Cotonificio da Gavea, as Costureiras Lutam por Aumento

Menos de setecentos cruzeiros é o que ganham por mês — Uma produção de sete a oito vestidos por dia — Dispostas a conseguir o que pretendem

(Reportagem de LENA)

As costureiras da Fábrica Cotonificio, na Gávea, estão há mais de um mês em luta por aumento de salários.

A reportagem de MOMENTO FEMININO teve ocasião de ouvir sobre o assunto a sra. Almerinda Figueira, que trabalha na seção de Costura desta Fábrica.

Procuramos essa senhora em sua casa, no Parque Proletário na Gávea, tendo ela nos recebido com grande gentileza. Bem moça, ainda, D. Almerinda apresenta, entretanto, a fisionomia cansada pelos árduos trabalhos da fábrica. Agradecemos seu oferecimento de nos servir café e iniciamos a conversa.

Desejamos saber alguns detalhes sobre o assunto D. Almerinda.

— Pois é, falou-nos, não podemos mais continuar ganhando ordenado tão baixo. Imagine que nossa diária é de Cr\$ 24,80 e temos que apresentar uma produção de 7 a 8 vestidos por dia, sendo que alguns modelos são bem difíceis.

— Em que base desejam o aumento?

— O aumento que os patrões querem dar é de 20 por cento, não nos interessa, pois isso pouco iria adiantar nas condições

atuais de vida. Queremos sim, é o antigo aumento prometido e que não veio, isto é, na base de 48 a 50 por cento. Há mais de cinco anos não temos aumento, e as senhoras sabem bem que, desse período até hoje, a roupa encareceu muito, e por isso os patrões podem perfeitamente dar um aumento nessa base. Nós sabemos que os seus lucros com a venda dos vestidos que fazemos são bem grandes, são demasiados e, por isso não queremos mais ser tão exploradas.

— Tem havido apoio de todas as operárias?

— Sim, todas tem apoiado esse movimento. Aliás não podia deixar de ser assim, pois não chegamos a receber nem Cr\$ 700,00, com o agravante de que aos sábados só ganhamos apenas 5 horas de trabalho.

— Que medidas tomaram para resolver o caso?

— Bem, levamos um abaixo assinado ao Sindicato das Costureiras, juntamente com 20 carteiras profissionais anexadas ao mesmo, e o referido Sindicato apresentou oficialmente o caso à Comissão de Justiça do Trabalho. Estamos esperando pois, nos deram um prazo, e sabemos que estas questões de burocracia levam tempo. Porém, se a Justiça do Trabalho não resolvê-lo, estamos dispostas a tomar medidas sérias para obtê-lo na base de 48 por cento.

— Podia dar um exemplo do que pretendem fazer?

— Um exemplo? Pois bem: baixaremos a produção. Isso será o início. Outras medidas serão tomadas e, uma coisa eu lhes garanto, e que unidas e organizadas continuaremos até o fim.

Olhávamos dona Almerinda e sentíamos que ela e suas companheiras fariam o que ela estava dizendo.

Dr. Irun Santana

Clinica Médica

Consultório

Rua S. Pedro, 28

— NITEROI —

2.ª, 5.ª e Sábados

Das 9 às 11 horas

EXPEDIENTE

Diretora

Arcelina Mechel

Redação e Administração:

Rua Evarista da Veiga 16 sala 908

— RIO —

Nota: Avisamos aos nossos leitores que este numero de Natal será vendido ao preço de Cr\$ 2,00 o exemplar.

A Gerência

MOMENTO FEMININO



O retrato acima é de um grupo de operárias da Fábrica Santa Maria, em Natal (Rio Grande do Norte), que faz coleta de assinaturas por um Pacto de Paz. Naquela Fábrica trabalham 600 operárias com o mesquinho salário de Cr\$ 5,40 por dia, para as menores, e de Cr\$ 10,40 para as de maior idade. Trabalham nove horas por dia e conhecem, de perto, os sacrifícios de quem trabalha muito e ganha pouco. POUCO ainda não se diz bem, por que o que poderá ser comprado com Cr\$ 10,40? Mas elas sabem que se vier uma guerra mais terão que trabalhar e menos terão o que comer. Os horários das fábricas serão como os dos quartéis. Seus filhos e irmãos serão os primeiros convocados. Em Natal está a maior base aérea do nordeste. Por isso, as operárias da Fábrica Santa Maria, jovens e mães de família, levam a mensagem da Paz por aquelas praias tão bonitas do nordeste, àqueles corações simples e sofredores, àqueles filhos onde os exemplos da história lançam as sementes, que não florescer, um dia, na vida de seus filhos, que elas desejam defender e que defenderão.

VIDAS SECAS

Continuação da página 8

— Bem, bem.

Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras.

Ora, o soldado amarelo... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam. Cuspiu, com desprezo:

— Safado, mofino, escarro de gente.

Pôr mór de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorrinha. Engatinhando, procurou os alforjes, que haviam caído no chão, certificou-se de que os objetos comprados na feira estavam todos ali. Podia ter-se perdido alguma coisa na confusão. Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exatamente o que sinha Vitória desejava. Encolhendo um tostão em côvado, por sovínice, acabava o dia daquele jeito. Tornou a mexer nos alforjes. Sinha Vitória devia estar desassossegada com a demora dele. A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. Com certeza haviam fechado a porta da frente.

Estirou as pernas, encostou as carnes doidas ao muro. Se mas pegado de surpresa embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas injustiças. E aos conhecidos que dormiam no que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: — «Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita».

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

— An!

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fôsse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, e ra fraco e ruim, jogava na esteira co mos matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se:

— Bem, bem. Não há nada não.

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fosse perguntar a seu Tomás da bolandeira, que se li livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Porque vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

— An!

Estava tudo errado.

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinha Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinha Vitória provava o caldo na quenga de côco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinha Vitória, inquieta, com certeza fôra muitas vezes escutar na porta da frente. O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocinhos das vacas tiniam.

Se não fosse isso... An! em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene.

Pobre sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quasi adorme-

cendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bebedor tresvariando em graça. Havia ali um bebedor!!! In... variando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o carcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

Fabiano cochilava, a cabeça pesava inclinava-se para o peito e levantava-se. Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos.

Acordou sobressaltado. Pois não estava misturado as pessoas, desatinando? Talvez fosse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo, tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatório desconexo do bebedor, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desintupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais — aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da idéia cresceu, engrossou — e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entende-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a ele. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.

O que desejava... An! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão, a cair de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, sinha Vitória tropicava debaixo do baú dos trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.

Fabiano também não sabia falar. As vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aqueles sujeitos acorados em torno do fogo? Que dizia aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguém no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente, de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lastima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer.

E havia também aquele fogo-corredor que ia e vinha no espírito dele. Sim, havia aquilo. Como era? Precisava descansar. Estava com a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada do cabo de facão. E doia-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panela fervendo.

Pobre de sinha Vitória, inquieta e sossegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe. Se não fossem eles...

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a idéia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.

Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um mpatrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

TECELÃ E ARTISTA (Texto de Alaide Lima)



Aí está LAURA DANTAS, em seu estúdio, diante de alguns de seus quadros.

CONCURSO INFANTIL

MOMENTO FEMININO abre suas páginas para a colação da garotada de todo o Brasil. As crianças também gostam de escrever e já temos recebido suas pequenas e agradáveis colaborações. Você conhece uma história qualquer, uma lenda, um acontecimento que você imagina, um fato real de sua cidade, de sua família, de seus vizinhos? Então mande para o concurso Infantil de **MOMENTO FEMININO**. Se você não sabe nenhuma história escreva o que deseja ser, o que deseja fazer, escreva qualquer coisa que lhe preocupa ou que lhe agrada. Escreva a melhor composição chegada até março, dia 8, data em que comemora o Dia Internacional da Mulher, será premiada: se você for uma menina, com uma boneca, se for um menino, com uma bola.

....A idade máxima para concorrer ao concurso é a de 12 anos.

Esperamos que todos vocês, amiguinhos e amiguinhas de **MOMENTO FEMININO**, prestigie no jornal de suas manhas concorrendo ao Nosso Concurso Infantil.

ZELIA NUNES Uma Escultora Laureada

O júri da Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes acaba de conferir à jovem escultora Zélia Nunes o prêmio de viagem à Europa conquistado com o trabalho «Marcha» que ilustra esta página.

A laureada artista brasileira é a primeira mulher em nossa pátria a conquistar o maior prêmio do nosso «Salão». Seu trabalho «Marcha» é todo feito de granito restaurado e patinado em ouro, sendo que o material para sua execução foi também feito pela própria artista.

A jovem escultora, que honra a arte nacional com seu esforço honesto, começou a estudar em 1945, na Escola Nacional de Belas Artes, tendo no prazo de 6 anos, conquistado as mais expressivas premiações em nossa maior mostra de arte.

* *

«A Paz — declara Zélia Nunes — é o maior sonho da humanidade. Cada um de nós tudo deve fazer para consegui-la, pois a vida sem a paz é impossível. Como artista e como mulher sou pelo progresso da humanidade, que só poderá ser alcançado numa atmosfera de paz entre os homens».

MOMENTO FEMININO

Laura Dantas trabalha na Fábrica de Tecidos Alexandria, em Maceió (Alagoas), há quinze anos. Além de lidar com os teares e os fios, Laura sabe lidar com o lapis e o papel. Sem professor, sem meios para estudar, foi-se aperfeiçoando sozinha e revelou-se em 1945, pintando painéis a óleo para a propaganda das lutas populares. Em 1948, pintou um cenário para pastoril, brinquedo natalino muito popular no norte. Nos vários municípios em que morou, Saúde, Rio Largo, Utinga, Fernão Velho, todos se lembram daquela moça, artista espontânea, filha de um vaqueiro que nunca lhe pôde dar aquilo que desejava: estudar, progredir. Trabalhando numa fábrica, cuidando da casa e de um filho, organizou um «estúdio» onde trabalha até altas horas da noite. Trabalha e estuda sem cessar. E aí estão vários quadros de sua autoria, Castro Alves, Tiradentes, Van Gogh. Filha do povo a quem ela tanto ama, é desse mesmo povo que recebe as inspirações para a sua arte, vivendo apenas dos recursos de sua flama e de sua vontade. Quantas Laura por esse Brasil afora, esperando uma nova sociedade que lhes dê amparo, que lhes dê meios de estudar e vencer.

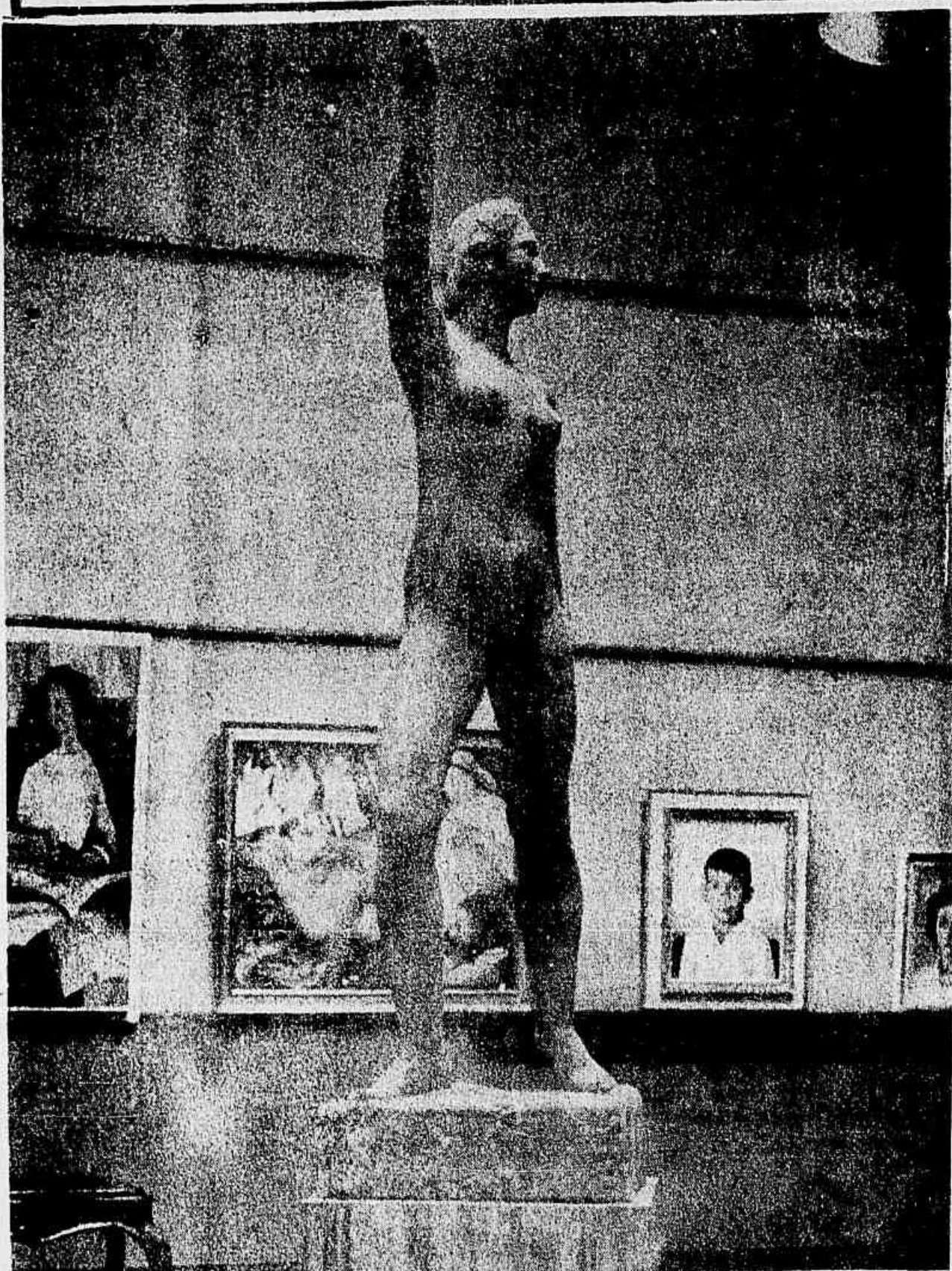
E é desse «estúdio» onde Laura até serra madeira para fazer a moldura de seus quadros, que ela sai, de casa em casa, explicando ao povo o perigo de uma nova guerra que se aproxima, colhendo assinaturas pela paz.

Operária, dona de casa, mãe extremosa, artista, combatente pela causa da paz, Laura Dantas bem merece a homenagem de todas nós.

“Alegria no Morro”

Estão de parabéns as crianças brasileiras, no Natal deste ano. Leda, autora de tantos livros infantis, acaba de produzir mais um trabalho que é uma verdadeira joia no gênero, quer no conteúdo, quer na forma. Narrando e linguagem singela, acessível à idade dos leitores a que os destina, «Alegria no Morro» é bem um livro para as nossas crianças.

A autora, de forma amena e encantadora, convida os seus leitores a uma visita aos morros, onde vive a miséria e a dor, mas também pode existir a alegria e a felicidade, desde que haja compreensão, união e boa vontade entre os seus habitantes.



«MARCHA» — estatua de Zélia Nunes

Saudação a Dolores

Dolores Ibarruri, a querida vice-presidente da Federação Democrática Internacional de Mulheres e presidente da União de Mulheres Espanholas Anti-fascistas, completou a 9 de dezembro, 56 anos de idade.

Saudamos na figura de Dolores a luta-corajosa das mulheres espanholas contra a tirania e a opressão, pela vida de seus filhos e a felicidade de seus lares.

Ela simboliza a resistência heróica do povo espanhol, que não se curva ante o arbitrio e a violência do regime fascista de Franco, que faz fuzilar e assassinar nas prisões milhares de patriotas, inclusive mulheres e crianças.

Dolores Ibarruri, a heroica Passionaria, é bem o exemplo da mulher e mãe que não hesita em dedicar toda a sua vida à causa da libertação de seu povo e da felicidade dos povos de todo o mundo.

... Longos anos de vida a essa amiga querida e gloriosa lutadora da causa da Paz, deseja **MOMENTO FEMININO**, expressando os votos das mulheres brasileiras, que como Dolores, desejam a Paz e o bem estar de seu povo.



Nossa Amiga Elisa

Elisa Branco, a querida amiga, valorosa partidária da Paz que passou mais de um ano encerrada num cárcere por defender a vida dos jovens brasileiros ameaçados de serem enviados a morrer na Coréia, festejará a 29 de dezembro mais um aniversário natalício.

As mães brasileiras pensarão nesse dia, carinhosamente, nessa figura corajosa, que soube expressar bem alto o desejo unânime de todas, ao proclamar: «OS SOLDADOS

* *

DONATIVO

Agradecemos à sra. Maria, residente no Distrito Federal, o donativo de cr\$ 50,00 que fez ao nosso jornal.



NOSSOS FILHOS NAO IRAO PARA A COREIA».

Elisa está de novo entre nós, ao nosso lado, prosseguindo com redobrado ardor na grande campanha em defesa da juventude de nossa patria, preparando as mulheres de norte a sul do país para uma participação ativa nos trabalhos do proximo Congresso Continental dos Partidarios da Paz.

Receba, amiga Elisa, os parabens de **MOMENTO FEMININO**, jornal que defende, assim como você e todas as mães que desejam a vida e felicidade de seus filhos, a solução pacífica de todos os problemas que angustiam os povos e o progresso e o bem estar de toda a humanidade.



Cumprindo nosso programa de edições populares de real valor para o desenvolvimento e expansão da cultura, não poderíamos esquecer um setor de tanta relevancia como o da Literatura Infantil. Para o primeiro livro infantil, escolhemos o genero que mais reflete a alma de um povo: o folclore — manancial de inspiração e beleza, síntese da vida e do carater de um país.

E' com orgulho que apresentamos agora, a todas as crianças do Brasil, as «7 Histórias Verdadeiras», de Graciliano Ramos, um dos maiores de nossos escritores, com ilustrações de Percy Deane, artista dos mais ligados à sensibilidade e ao espírito do nosso povo.

Em edição bem cuidada, com sugestiva feição gráfica e



capa em cores, entregamos este livro as crianças brasileiras, certos de que elas se sentirão felizes, conduzidas pela imaginação poderosa e pelo estilo simples de um mestre.

Naquelas páginas estão o amor, os sonhos, a malícia, a ingenuidade, a pureza e a humildade de nossa gente. Mais do que isso: naquelas páginas as crianças encontrarão, inteiro, o generoso coração do nosso povo.

Faça seu pedidos à

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

Rua do Carmo, 6 — 13º Andar — Sala 1306 — Tel. 22-1613

RIO DE JANEIRO

MOMENTO FEMININO

NOSSOS GAROTOS



JOSE CARLOS, com 1 ano de idade, netinho da dona Olinda Gomes, de Campos.



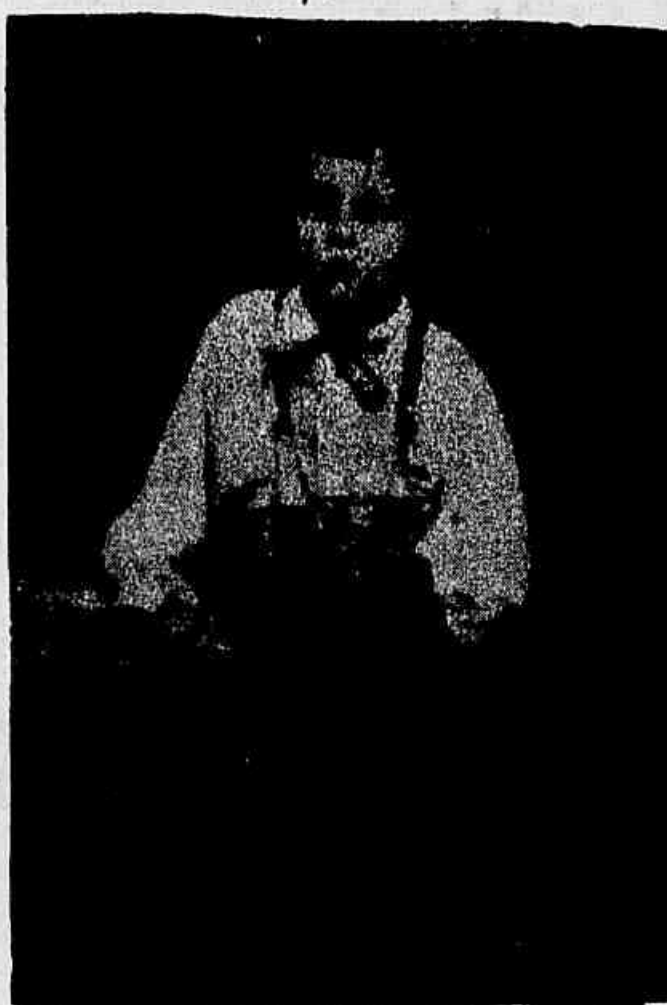
TANIA MARISA HERMANO
nossa amiguinha de Anapolis (Goiás). Tânia colheu 215 assinaturas por um Pacto de Paz



ANITA LEOCADIA, de 5 anos, filhinha de Dona Olinda Gomes, nossa amiga de Campos. (Estado do Rio)



ILMA, de 4 anos, filhinha de nossa amiga Maria das Dores, do Distrito Federal.



LUIZ CARLOS, de 5 anos, irmão gêmeo de Anita Leocádia



ANGELA MARIA, de 4 anos e LUIZ ANTONIO, de 6 anos, sobrinhos de nossa amiga Olinda Gomes, de Campos.

Vida de Momento Feminino

Chamamos a atenção de nossos representantes que o fim do ano está aí e rogamos que efetuem seus pagamentos da venda do jornal. Este nosso apêlo é muito especialmente dirigido àquêles representantes que estão em falta para com a administração de MOMENTO FEMININO.

Caso nossos representantes não nos mandem nenhum dinheiro ou notícia até 31 de dezembro próximo vindouro, nos veremos forçados a suspender as remessas do jornal, principalmente para os representantes que não nos enviam dinheiro há mais de um ano.

Rogamos às nossas amigas e amigos que nos escrevam comunicando se receberam a ação entre amigos — PRESENTE DE NATAL — que lhe enviamos e para a qual esperamos o bom acolhimento de todos os nossos representantes.

Temos a satisfação de anotar aqui o nome de nossos representantes que logo que receberam os bilhetes enviados, venderam imediatamente e nos remeterem as importâncias respectivas. São êles:

Estado de São Paulo — AMERICANA
Romeu Sturari
« « « « — ASSIS
Zilda Luporeli

A nossa representante de PIRAPORA — Minas Gerais, Corina Carlos Silveira, comunicou-nos que vendeu imediatamente os bilhetes enviados, pedindo-nos para enviar mais alguns, o que já foi feito. Parabens a essa amiga.

A Criança no Cinema

Yolandino Maia

Desde Jackie Coogan, no filme «O Garoto», com Chaplin, a criança tem sido um dos elementos humanos mais explorados no cinema; porque, com o seu sorriso, ou as suas lágrimas, ela consegue comunicar com pureza, tudo aquilo que sentimos.

Sobre a criança disse o poeta Raul de Leoni, em seu poema «Árvore de Natal»: «Elas são todo o mundo a começar de novo».

A presença da criança, no cinema, tem oferecido grandes assuntos pelos pesquisadores das emoções e também tem sido um dos veículos da crítica social e denúncias de ordem econômica.

E' mais fácil insuflar no sentido do espectador uma injustiça colocada no desamparo de dois pequenos olhos que nos gestos de um adulto.

Por este motivo muitas vezes tem sido o elemento infantil um instrumento para a exploração de sentimento por parte da ideologia reacionária. Em «O Mulato», por exemplo, filme exibido recentemente, o menino Angelo, um mestiço filho de uma italiana com um negro norte-americano, é usado, no filme, para demonstrar que existe diferença de raça, porque, apesar do menino mulato ser educado no meio dos brancos, não perde determinados instintos que a tese do filme rotula como sendo próprios do negro.

Foi o grande cineasta Nicolai Ekk que em seu magistral filme «Caminhos da Vida» produzido em 1931 que traçou o roteiro para os filmes sobre a educação da infância desamparada, muito mal imitado no filme americano «Com os braços abertos», melhor imitada em «Sciusia» filme italiano de Vitorio de Sica, o diretor de «Ladrão de Bicicletas» afirmou seus dotes como realizador de filmes com personagens infantis.

E' porém sobre Louis Daquin que pretendemos terminar este comentário narrando sucintamente o trecho de seu filme «Nós os garotos» exibido em várias projeções particulares no Rio de Janeiro e Estados do Brasil.

«NÓS OS GAROTOS»

Esta obra prima de simplicidade cinematográfica, não foi exibida comercialmente para o grande público, por motivo das imposições da censura.

O filme é educativo e desenvolve toda a beleza que reside no recôndito do mundo infantil. E' uma ciranda solidária e um exemplo para adultos.

Sua história é simples: Num grupo de alunos de escola pública, num bairro pobre, um menino quebra um carríssimo vitral da porta do edifício escolar, durante um brinquedo de bola. Ele é o culpado e terá que pagar os prejuízos. Porém, todos os outros meninos, também, sentem-se culpados; unidos e organizados, realizaram uma grande campanha de finanças, cantando para os transeuntes, engraxando sapatos, vendendo seus brinquedos ou oferecendo suas minguadas economias, a fim de ser cumprida a quota estipulada para o pagamento do vitral.

Há um roubo da quantia conseguida. Ve depois de encontrado o ladrão, Louis Daquin termina o seu filme, ainda em puro sabor infantil: o vitral é novamente quebrado por outro menino.

O trabalho de enorme elenco infantil coloca o diretor francês, Louis Daquin, ao lado dos grandes cineastas, como sejam, Vittorio de Sica e Nicolai Ekk.

Se muito se tem feito sobre filmes de criança poucos filmes existem que realmente sejam próprios para crianças.

E neste Natal, pensamos que o melhor presente cinematográfico para os nossas crianças seria a exibição do filme «Inspiração» colorido. E' uma produção com personagens de vidro, primeiro prêmio da categoria dos filmes de marionetes Festival de Knokke-le Zonte-Tchecoslovaquia.

A primeira experiência desta espécie no mundo, abriu as portas a novas possibilidades cinematográficas onde formas transparentes jogos de refletores e cores criam um mundo espantosamente novo, um universo mágico.

«Inspiração» dedicado aos operários da indústria do vidro tcheco, cujas mãos e senso artístico criam a beleza do cristal, conta a história de Pierrot, namorado infeliz da bela colombina — Rainha do Gelo.



Cena de «Alemanha Ano Zero» filme ainda inédito no Brasil. Segundo informações e comentários estrangeiros é mais um filme nocivo visto o menino praticar suicídio no final.